



LIVIA ALCANTARA/OPAN

Feira Municipal de Juína.

A produção orgânica ainda é um desafio

“Toda a vida a gente usou agrotóxico de uma forma moderada, mas mesmo assim eles começaram a prejudicar a saúde da minha família e a minha”, relembra Ermínio José Morais do Prado, morador da comunidade de Santa Marta, município de Juína, que decidiu zerar os agrotóxicos em seus plantios e se tornar produtor orgânico. Dos 125 feirantes, Prado é o único produtor com selo de orgânicos que o jornal Juruena em Foco encontrou na Feira Municipal de Juína, situada no centro da cidade.

“Quando eu passo (agrotóxico) é o Decis, que é fraco. São três dias de carência”, explica Eugênio Roque Gomes, outro dos vendedores da Feira Municipal. A maioria dos feirantes questionados afirmam que usam poucos agrotóxicos. No entanto, os dados do Fórum Mato-grossense de Combate aos Impactos dos Agrotóxicos mostram que Mato Grosso é o estado que mais utiliza agrotóxico no Brasil, o consumo chega a 46 litros por ano, quantidade seis vezes maior que a média nacional que é de sete litros por ano,

segundo a pesquisa realizada em 2018. Estes dados são principalmente o resultado dos cultivos intensivos de soja ou milho, que empenham uma grande quantidade de químicos nas lavouras. Estes se dispersam pelo ar e pela terra chegando até plantios menores.

O estudo do Fórum encontrou resíduos de produtos químicos na urina e no sangue dos moradores da zona rural de três cidades da bacia do Juruena: Campos de Júlio, Campo Novo do Parecis e Sapezal. Os componentes de agrotóxicos contidos nos alimentos estão relacionados a diversas doenças, como cânceres, malformações congênitas, distúrbios endócrinos, neurológicos e mentais, segundo o Dossiê da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco).

Estar fora dessas estatísticas é motivo de orgulho para Prado: “a consciência da gente fica tranquila, porque eu sei que o consumidor não vai ter um câncer mais tarde por consumir meu produto”. Para que um alimento possa ser con-

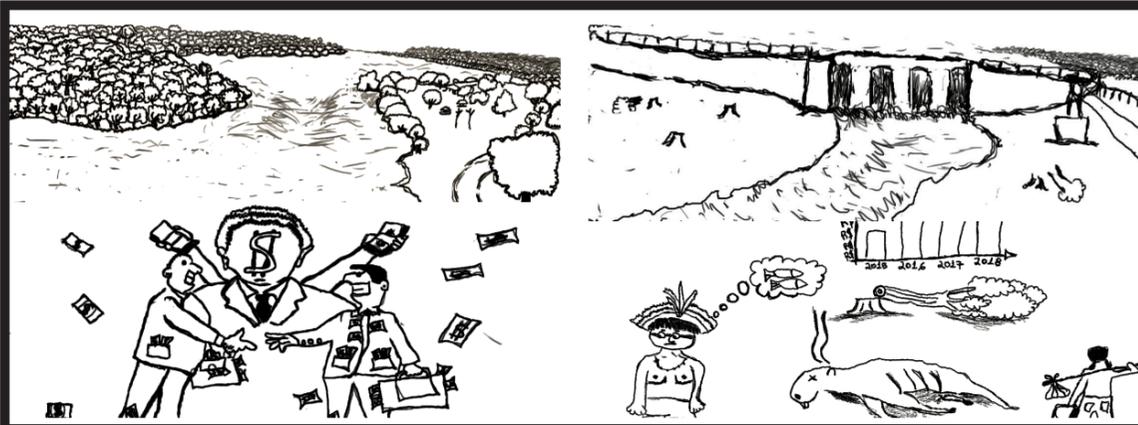
siderado orgânico, além da não utilização do agrotóxico, é preciso respeitar aspectos sociais, ambientais, culturais e econômicos. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) é o órgão responsável pela concessão e garantia do selo de produção orgânica entregue ao produtor. Para garantir que as exigências na plantação sejam cumpridas, a propriedade passa por inspeções regulares.

A pouca presença de cultivos orgânicos é o resultado de uma política nacional que estimula preferencialmente a agricultura com uso de agrotóxico. Em janeiro de 2019 o Ministério da Agricultura liberou o registro de 28 destes químicos. Dentre eles está o sulfoxaflor (polêmico no Estados Unidos e ilegal até então no Brasil), assim como o Metomil e o Imazetapir, também considerados altamente tóxicos.

Daniela Tavares e Joice Urtado, 17 de março de 2019, Juína, MT.

AS BARRAGENS

João Graeff, Juína, MT.



- O Brasil é o país que mais consome agrotóxico no mundo, utilizando 1/5 da quantidade fabricada mundialmente.
- As regiões do Brasil que mais utilizam agrotóxicos são: 1º Centro-Oeste, 2º Sul, 3º Sudeste, 4º Nordeste e 5º Norte.
- Mato Grosso é o maior consumidor de agrotóxico no Brasil.

Fonte: Atlas 2017 - Geografias do uso do agrotóxico no Brasil e Conexões com a União Europeia (considerando o período de 2007 a 2014).

Realização:



Patrocínio:



Parceiros:



Associação Nova Conquista: geração de renda e cuidado com o meio ambiente

A Associação Nova Conquista de Juína (ANJU), atuante desde 13 de julho de 2009, tem um papel fundamental na geração de renda para 11 famílias e na redução do lixo comum destinado ao aterro sanitário. Um trabalho que com quase uma década de realização ainda não é amplamente reconhecido na sociedade.

Juína possui aproximadamente 40 mil habitantes, segundo os últimos dados do censo do Instituto Brasileiro de Estatística (IBGE) 2010, e produz em torno de 30 toneladas de lixo por dia. Destes, 35% é reciclável, um total de 10.500 toneladas. Porém, no ano de 2018, a ANJU só conseguiu recolher 223 toneladas de lixo, o que equivale a apenas 610 kg por dia, de acordo com os dados da própria associação. “A população pode ajudar fazendo a separação do que pode ser reciclado

(papel, plástico e alumínio). Lembrando sempre de higienizar os resíduos como as caixas de leite”, explica a presidenta da ANJU, Maria Anaélia Braga de Almeida. Ela destaca que a conscientização é o fator mais importante para melhorar a reciclagem em Juína.

Além do esforço, muitos dos trabalhadores da associação afirmaram ter recebido tratamentos discriminatórios durante a coleta do lixo. “Em alguns lugares somos até xingados pelos moradores”, afirma Célia Batista de Paula. Já outras pessoas consideram que a associação ajuda na conscientização do cuidado com o meio ambiente e na economia da cidade, explica Renilda Golo, moradora entrevistada.

Willian Ribeiro e Vivian Fernandes - 17 de março, Juína, MT.

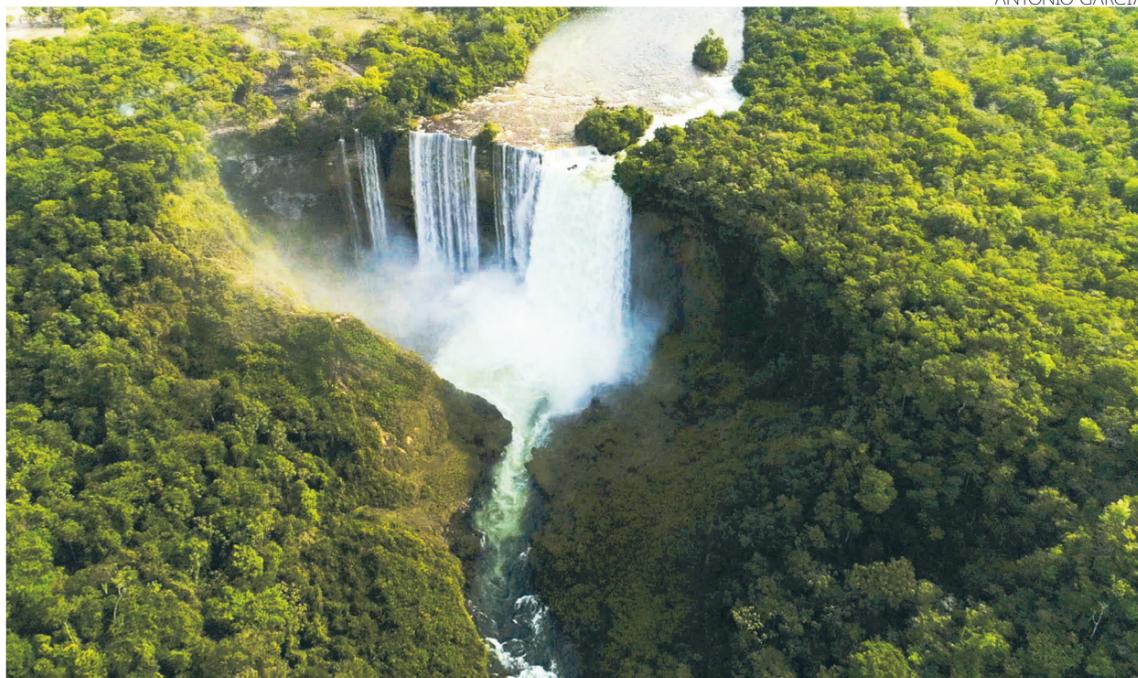


Associação Nova Conquista de Juína.

RESENHA

Publicação aborda locais sagrados do Juruena

ANTONIO GARCIA



Morada de Kyawre, Salto Utiariti.

O livro “Paisagens Ancestrais do Juruena” explora cinco locais sagrados dos povos indígenas da bacia do Juruena: Ponte de Pedra, Salto Utiariti, Salto das Mulheres, Salto Ytu’u e Salto Augusto.

Juliana de Almeida, autora da obra em parceria com a Operação da Amazônia Nativa (OPAN), apresenta as histórias e a luta de indígenas que habitam o noroeste de Mato Grosso. Recupera também as narrativas ancestrais das várias etnias.

A história destes povos e a importância dos seus lugares sagrados são geralmente ignoradas quando se trata de planejar e implantar hidrelétricas, expandir a monocultura de soja, algodão, milho e intensificar as atividades de pecuária. “Estão matando as antas para colocar bois no lugar. Não é só o índio que está morrendo. Primeiro eles matam a terra, depois o índio morre também”, declara um representante do povo Kawaiwete, citado no livro.

João Graeff, 17 de março de 2019, Juína, MT.

Fontanillas pela regularização fundiária

CAROLINA DE OLIVEIRA

Fontanillas foi um lugar com muitos recursos até a década de 90, graças ao movimento gerado pela balsa de transporte fluvial que conectava as duas margens do rio Juruena. Com a construção da estrada MT-170, que passa por Juína, e da ponte sobre o rio Juruena no ano 2000, Fontanillas deixou de ser uma cidade de conexão e a balsa parou de servir como meio principal de transporte entre os dois lados do rio. Em consequência, algumas empresas quebraram e a falta de emprego provocou a saída dos moradores.

Hoje só restam 20 famílias em Fontanillas que enfrentam a falta de saneamento básico e de atendimento à saúde, assim como ausência de atividades geradoras de renda. “Nossa população fontanillense precisa acre-

ditar que juntos podemos revitalizar esse lugar”, relata Elani Lobato dos Anjos, professora e presidenta da Associação de Mulheres para os Moradores e Veranistas de Fontanillas (AMF), que concedeu uma entrevista ao jornal sobre a luta da associação pela regularização fundiária.

Como e por que surgiu a necessidade da criação da AMF?

Diante da diminuição da população, do isolamento e pela própria falta de recursos, resolvemos nos organizar. A AMF pode fazer com que as pessoas reconheçam que organizadas poderão conseguir garantir seus direitos de educação, saúde, bem estar social, saneamento básico e defesa das riquezas naturais que nós temos. Um coletivo tem muito mais força do que um cidadão isolado.

Por que a AMF está na frente da regularização do levantamento topográfico de Fontanillas?

A AMF está cobrindo os custos desse levantamento para 107 proprietários e 197 propriedades. O objetivo é entregar esse material à Prefeitura para lutar pela regularização fundiária.

Qual é o principal desafio que enfrenta hoje Fontanillas?

A defesa do nosso lugar, a defesa do nosso chão. Nós estamos em um lugar privilegiado da Amazônia Legal, mas sabemos que tem inúmeros grandes projetos que atingirão áreas como a nossa.

Carolina de Oliveira e Maria Aparecida de Oliveira, 17 de março de 2019, Juína - MT.



Elani Lobato dos Anjos, presidenta da AMF.

Uma sobe e puxa a outra: mulheres de Juína em movimento



PAULA DE FARIAS

Abenil Rubenich, enfermeira.



PAULA DE FARIAS

Ernesta da Silva Araújo, pedagoga.



PAULA DE FARIAS

Aline Pereira da Silva, psicóloga.



MELISSA VIEIRA

Sônia Rogoski, advogada e pedagoga.

O 'Coletivo Mulheres que Movem Juína: umas pelas outras' está formado por quase 50 mulheres. Foi criado por uma frente de sete participantes em dezembro de 2018, depois de sentirem a necessidade de um coletivo que abraçasse todas mulheres. Juntas, elas lutam por igualdade de gênero e para que todas tenham visibilidade, vez e voz. O **Jornal Juruena** em Foco entrevistou algumas das fundadoras do coletivo. *Paula de Farias, Melissa Vieira, Larissa Silva.*

Qual o objetivo do Coletivo Mulheres que Movem Juína?

Abenil: Defender os direitos das mulheres e lutar contra a violência que elas sofrem.

Por que você sentiu necessidade de criar o coletivo?

Abenil: Eu trabalhei em vários Postos de Saúde, no contato com a comunidade e, mais especificamente, com as mulheres. Ouvindo os relatos daquelas que sofrem, senti a necessidade de agir.

Como vocês dialogam com mulheres que não simpatizam com movimentos feministas?

Ernesta: Acredito que a forma mais eficaz é não ficar tentando convencer as companheiras de que elas são feministas, o feminismo é algo que se desperta dentro da gente e não é imposto.

Qual mensagem você quer difundir através do coletivo?

Ernesta: Que somos iguais, que a nossa luta por igualdade é de todas independente das bandeiras. Queremos mostrar que nós, enquanto coletivo, não queremos encaixar as companheiras dentro de caixinhas, cada uma é livre.

Dentro da sua área de formação, qual a sua contribuição para o coletivo?

Aline: Sempre me interessei por psicologia social. Aprendi que o primeiro passo é reconhecer, fortalecer e, aos poucos, elaborar estratégias de intervenção.

Que percepção você teve com o primeiro encontro do coletivo?

Aline: Todas as mulheres que estavam lá tinham algo a dizer e talvez não tinham a oportunidade. O coletivo é um espaço para compartilhar experiências de vida, sonhos e traumas. Quando elas se juntam e escutam as experiências de outras, percebem que não estão sozinhas.

Qual a sua contribuição enquanto pessoa da área jurídica no coletivo?

Sônia: Pretendo dar auxílio e amparo jurídico, acompanhando as mulheres vítimas de violência nas audiências e depoimentos na delegacia, fazendo o papel de advogada voluntária.

O que a motivou a se unir ao coletivo?

Sônia: Sou professora há 20 anos, sempre estive presente nos movimentos sociais, fui uma das líderes nos movimentos grevistas. Então isso de ter um coletivo de mulheres estava dentro de mim.

Ninguém solta a mão de ninguém!

OPINIÃO

Minhas raízes estão em Juara

A mudança de rotina é algo que mexe com a vida de todos e quando é na vida de crianças ou adolescentes deve ser tratada de forma delicada.

Na minha adolescência meus pais se mudaram diversas vezes. Quando eu já estava me acostumando com a escola, com os novos amigos, a gente ia para outra fazenda. Mudei umas três vezes entre os anos de 2005 a 2015, e a última mudança não foi tão fácil. Eu estava feliz, não queria ir de novo. Fomos morar afastados de tudo porque era o lugar onde meus pais tinham trabalho.

Acabei ficando sozinha, sem amigos, sem ninguém para conversar. Não gostava de ir para escola, chorava todos os dias, eu me sentia odiada, abandonada em um lugar onde todos me olhavam diferente. Parecia um pesadelo. Mi-

nhas notas começaram a cair, eu não tinha vontade de fazer nada.

Um dia vi uma esperança: ir para uma escola em outra cidade, com mais oportunidades. Fiz a matrícula. Gostava das pessoas, me sentia bem naquele lugar. Só tinha um problema: tive que me separar dos meus pais.

Durante essa minha estadia estudando fora, eu sonhava com explorar lugares novos, morar em outras cidades. Mas agora mudei com a minha família de volta para Juara, o lugar onde eu nasci. Sinto que meu lugar é aqui, que só tive que explorar novos caminhos para encontrar meu lugar e voltar às minhas raízes.

Daniela Tavares - 16 de março de 2019, Juína, MT.

De São Paulo para Mato Grosso

Meados dos anos 90, quando ainda eu era uma criança, meus pais se mudaram para a cidade de Juara. Deslumbrados com as notícias sobre o estado de Mato Grosso, principalmente com o melhor desenvolvimento da cidade e na esperança de uma maior qualidade de vida para nossa família, deixaram seus parentes e suas vivências na cidade de Ferraz de Vasconcelos, no estado de São Paulo.

Chegaram à "princesinha do Vale do Arinos", como Juara é chamada pelos seus moradores. Compraram uma chácara e construíram um comércio, que permanece aberto até os dias atuais.

A coragem dos meus pais em sair e lutar por um futuro melhor em um lugar desconhecido me faz pensar que não podemos desistir dos nossos sonhos.

Constituí minha família, atualmente resido na referida cidade, sinto-me juarense e não me vejo morando em outro local. Pode ser que aconteça comigo o mesmo que aconteceu com meus pais, pois também tenho sonhos e talvez para realizá-los tenha, um dia, que me mudar.

Joice Urtado - 16 de março de 2019, Juína, MT.

“[...] a coragem dos meus pais em sair e lutar por um futuro melhor em um lugar desconhecido me faz compreender que não podemos desistir dos nossos sonhos.”

UHE Castanheira: a porta de entrada para uma centena de hidrelétricas na bacia do Juruena

JOÃO CARLOS V. PEREIRA DA SILVA/MAB



Associação Pedreira/Palmital e Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) antes de uma audiência pública.

A usina hidrelétrica Castanheira é um grande empreendimento energético previsto para ser instalado no rio Arinos, sub-bacia do rio Juruena a 30 Km do município de Juara.

Segundo o projeto das obras, esta central alagaria 9.470 hectares para gerar 140 MW, dos quais se aproveitaria 98 megawatts (MW), que equivale a menos do 1% do que é consumido em Mato Grosso. O Arinos, que é o rio com mais peixe da sub-bacia do Juruena, sofreria diretamente os impactos do em-

preendimento. A hidrelétrica, que está prevista para ser construída a apenas 120 km da foz do rio, poderia interromper o fluxo de peixes migratórios, além de comprometer inúmeras propriedades rurais que seriam diretamente alagadas pelo reservatório.

Embora os responsáveis pelo projeto, junto com a Empresa de Pesquisa Energética (EPE), assegurem que não haverá alagamento de terras indígenas, alguns povos também podem sofrer consequências da in-

tervenção no curso do rio. “Certamente essa região rica em terras indígenas, áreas de conservação, será transformada sob a lógica do capital”, explica Jefferson Nascimento, integrante do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB).

“Resistir a Castanheira é resistir não apenas ao alagamento das comunidades Pedreira e Palmital. Se você faz uma hidrelétrica em uma bacia você abre possibilidades para outras”, declarou Nascimento. Um levantamento, realizado pela Operação Amazônia Nativa para a RJV em 2019, identificou 138 usinas na bacia do Juruena, sendo que dessas 32 estão em operação, 10 em construção e 96 em fase de planejamento. “O que se pensa para a região do Juruena é transformar o rio num espaço para produção de eletricidade, essa é a grande disputa. Castanheira seria, segundo nossa análise, a porta de entrada para mudar completamente este território”, alerta Nascimento.

Até o momento da audiência convocada pelo Ministério Público Fe-

“Resistir a Castanheira é resistir não apenas ao alagamento das comunidades Pedreira e Palmital. Se você faz uma hidrelétrica em uma bacia você abre possibilidades para outras.”

deral que aconteceu em Juara no 28 de fevereiro para apresentar o projeto, nem prefeito, nem vereador e nem os investidores haviam informado à população que seria atingida, segundo explica Genir Piveta de Souza, moradora da comunidade Pedreira. “Convoco a população, para que fiquemos atentos e participem das reuniões para que essa usina não venha para cá, pois se vier vai ser o maior desastre para nós e para a população de Juara”, afirma Souza, que também relata os possíveis impactos nos cursos de água e na vegetação.

Cleiton Silvestrim, Fernanda Taborda e Jair Volpato - 17 de março de 2019, Juína - MT.

Reflorestamento das margens do rio Perdido

A microbacia do rio Perdido dispõe de recursos hídricos de grande importância para o município de Juína, porém sofre com as degradações de suas matas ciliares. Isso se deve às práticas irregulares de exploração de recursos naturais.

Pensando neste problema, em março de 2017, os geógrafos e professores Josemir Paiva e José Franco, junto com os alunos do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), campus Juína, desenvolveram o projeto: “Recuperação de área degradada em afluente do rio Perdido”, em torno de um pequeno córrego na Chácara da Lagoa, propriedade de Glória Lúcia Mah-

le, localizada na linha 06, comunidade Cristo Rei.

Os proprietários da chácara já tinham tentado reflorestar a área, mas o trabalho foi feito “sem uma análise de solo, simplesmente colocando plantas nativas em linhas. Com esse método se perde uma grande parte das mudas”, explica Paiva.

Depois dessa experiência de pouco sucesso, o projeto buscou métodos alternativos de reflorestamento. “Em dois anos já obtivemos resultados. Eliminamos dois competidores: o gado e o capim braquiária, e conseguimos aumentar a qualidade ambiental”, afirma



Da esquerda para direita: José Franco, Josemir Paiva, Alexssandro de Jesus, Robson Silveira.

Paiva. Alguns dos métodos empregados são: formação de galharias e poleiros, transposição de solo, plantio de mudas nativas em núcleos, muvuca de sementes, utilização de compostagem e adubo. Além disso, o grupo de trabalho de reflorestamento planeja a integração

de práticas de produção agrícola consorciada com a preservação do meio ambiente.

Tharlles Magalhães, 17 de março de 2019, Juína - MT.



Este jornal é o resultado da oficina de introdução ao jornalismo comunitário, que aconteceu entre os dias 15 a 17 de março de 2019 em Juína, Mato Grosso.

JURUENA EM FOCO

Expediente - Edição: Luna Gámez e Livia Alcântara.
Jornalista responsável: Livia Alcântara (16821/MG).
Repórteres: Carolina de Oliveira, Cleiton Silvestrim, Daniela Tavares, Fernanda Taborda, Jair Volpato, João Graeff, Joice Urtado, Larissa Silva, Maria Aparecida de Oliveira, Melissa Vieira, Paula de Farias, Tharlles Magalhães, Vivian Fernandes, Willian Ribeiro.
Projeto gráfico e Diagramação: Talita Aquino. **Equipe Berço das Águas:** Artema Lima, Tarcísio Santos, Edemar Treuherz, Liliâne Xavier, Livia Alcântara.